

# NO INÍCIO NÃO FOI ASSIM!

**Anotações das falas de Davide Prospero e Julián Carrón  
no Dia de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.  
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 30 de setembro de 2017**

**Anotações das falas de Davide Proserpi e Julián Carrón  
no Dia de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.  
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 30 de setembro de 2017**

**JULIÁN CARRÓN**

Peçamos aquela pobreza que o Inominado de Manzoni nos fez desejar tantas vezes este ano, porque sem ela não temos a disposição necessária para começar, e tudo se torna inútil. Vamos pedi-la cantando o hino ao Espírito.

*Oh! vinde, Espírito Criador*

*The things that I see  
Negra sombra*

**DAVIDE PROSPERI**

Bem-vindos. Em primeiro lugar, cumprimentamos todos os presentes e as cidades conectadas na Itália e no exterior, para este momento com que queremos começar o ano. Eu queria começar repondo a pergunta dos Exercícios da Fraternidade a que demos destaque neste verão: “A salvação continua a ser interessante para mim?” Esta palavra, muitas vezes esquecida perante as dificuldades, as incoerências e os desgastes da vida, tornou-se para nós repentinamente familiar. A palavra *salvação* tem dentro de si todo o sentido do próprio limite, do próprio mal, digamos até do próprio nada e, apesar disso, a aspiração a uma realização de bem, de grandeza para a qual o nosso coração se sente feito. Contudo, vemos como a salvação nos parece inalcançável, porque sentimos que não a merecemos (ao menos quem tem um mínimo de consciência de si não pode nunca ter pensado isto) e parece-nos que todos os nossos esforços não bastam para reconquistá-la. Pelo contrário, a hipótese de Jesus diante de Zaqueu, como dizia Carrón nos Exercícios, inverte completamente a questão. Diz o Evangelho de Lucas: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (cf. Lc 19,1-10). A salvação é Cristo, a Sua pessoa, e nós fomos interceptados pelo Seu olhar, que nos mudou. Não mudou necessariamente desde logo os interesses que temos, nem nos deu imediatamente a capacidade de não errar mais ou até apenas de nos corrigir. O que muda é que, acima de tudo, nos demos conta da Sua presença, por uma atração que irrompeu na nossa vida e nos magnetizou para Ele. *A gratuidade*

dos jovens que este verão no Meeting passaram horas sob um sol escaldante fazendo o serviço de ordem nos estacionamentos, ou dos que mantinham limpas as salas e as mostras (e pagavam para fazê-lo!), que impressionou todo o mundo, não se entende se se pensar que é apenas fruto de um esforço de generosidade. Esta gratuidade só é possível se já se estiver satisfeito pelo que se recebeu. *A gratidão* é o que vi brilhar nos olhos daqueles jovens, assim como se vê em muitos adultos empenhados na sociedade. Vê-se brilhar porque é expressão de um acontecimento presente, que talvez esteja acontecendo agora pela primeira vez na vida de uma pessoa ou então que acontece de novo depois de muitos anos. Eu vi isto passando por muitas férias e por muitos gestos que fizemos este verão.

**A utilidade  
da vida é  
corresponder a  
Quem nos ama,  
é fazer algo que  
é útil para Quem  
nos quer bem**

Quero contar um episódio pessoal que me aconteceu há algum tempo: era um daqueles dias (acho que já aconteceu com todo o mundo) em que você chega ao fim e diz: “Hoje não fiz nada de bom”. Mas, diferentemente das outras vezes, dei por mim de joelhos dizendo: “Senhor, hoje eu não tenho nada para vos dar, mas estou aqui”. E isto mudou, mudou tudo em mim: “Vós, Senhor, estais aqui, por isso eu também estou, e por isso amanhã posso ainda esperar, mesmo que hoje não tenha nada para vos dar”. Eu creio que é da estatura humana desejar que a própria vida seja útil. Dom Giussani, aos 23 anos, escrevia: “Eu não quero viver inutilmente: é a minha obsessão” (L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007, p. 33). É uma pequenez e uma mesquinhez pensar que o valor da vida esteja só no que a vida pode dar a mim. A amplidão do meu coração (a amplidão do coração de todo e qualquer homem) deseja que aquilo que eu sou possa ser útil à totalidade e, portanto, ao mundo. Nós, porém, muitas vezes somos levados a identificar a utilidade da nossa vida somente no que podemos ter, ou somente no que nós somos capazes de fazer. Por isso pensamos: “Hoje não fiz nada de bom, e por isso foi tudo inútil”. Mas pode acontecer que nos demos conta, e isso aconteceu comigo, de que há uma utilidade maior: a utilidade de viver a dependência de Deus. Ou seja, que a utilidade da vida é corresponder a Quem



nos ama, é fazer algo que é útil para Quem nos quer bem. Talvez aceitando simplesmente existir, depender de Quem nos faz ser agora, como aconteceu este verão com a dramática experiência de Charlie Gard, que nos comoveu. Para mim, o que determina a utilidade da vida está no que um Outro que o faz existir vê em você, não está no que você quer de si mesmo. E assim a vida torna-se útil quando se torna obediência: em última instância é uma disponibilidade à presença de Cristo, um render-se àquela grandeza que um Outro, talvez de modo diferente do que você faria, quer realizar em você e com você, para o mundo. Vivemos para que Cristo seja reconhecido em toda parte, vivemos para a glória humana de Cristo.

Agora queria perguntar-lhe: como podemos ajudar-nos a viver a consciência desta dependência?

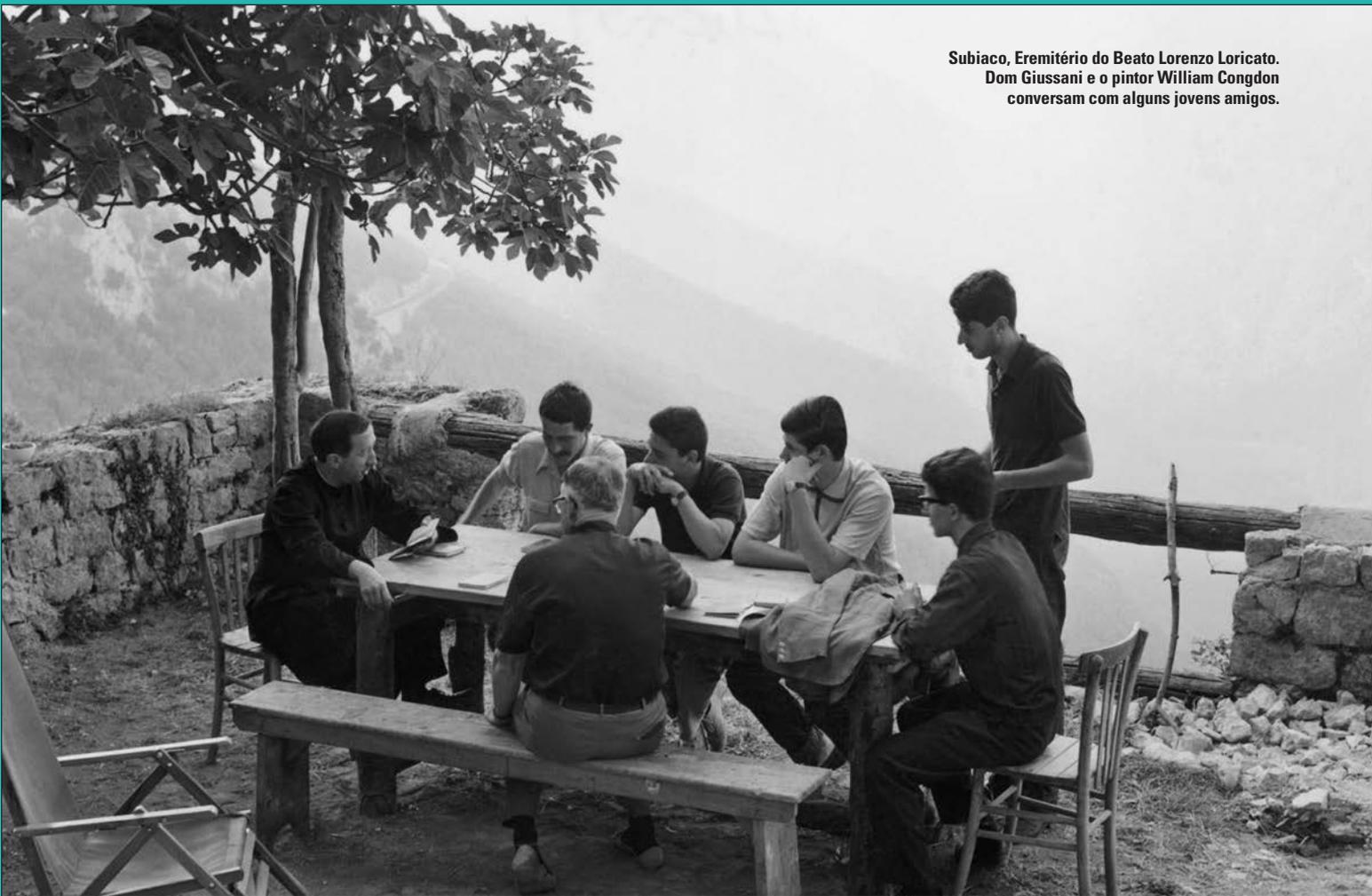
### CARRÓN

Quem de nós não gostaria de ser surpreendido por algo que faz tudo cantar, como diziam as palavras de *Negra sombra*? Quando tal acontecimento se dá, é fácil reconhecê-lo, de tanto que corresponde à espera do coração. Logo o notamos, porque faz tudo na vida cantar. “Se cantam, és tu que cantas, se choram,

és tu que choras, [...] és [tu] a noite e a aurora. Tu estás em tudo e és tudo para mim, em mim [...] vi- ves” (R. de Castro; J. Montes Capón, “Negra sombra”. In: *Cantos*, p. 276). Dependemos em tudo daquele Tu.

Nós realmente descobrimos o que esperamos quando O reconhecemos, nos acontecimentos por meio dos quais Ele vem ao nosso encontro, pela Sua capacidade de fazer vibrar tudo o que vivemos e tocamos. Não é preciso nenhum “equipamento” especial, basta que aconteça propondo-se ao nosso coração. Basta ver as coisas que Deus faz para chorarmos de emoção, como diziam as palavras de *The things that I see* (*Ibidem*, p. 310).

Quando uma pessoa vive esta experiência elementar, não pode senão desejar que aquele “tu” nunca a deixe: “Nunca me deixes, sombra que sempre me surpreendes”, terminava *Negra sombra*. O desejo de depender daquela presença torna já tudo diferente. Como gostaríamos de ser constantemente surpreendidos por um acontecimento que faz tudo tornar-se novo! Então descobriremos de forma cada vez mais completa que se algo canta é porque Tu o fazes cantar, se vibra é porque Tu o fazes vibrar, porque Tu estás em tudo, porque Tu vives em mim. >>>



» Quando não domina a surpresa deste acontecimento, o que é que assume as rédeas?

### 1. O FORMALISMO

É fácil, como acabamos de dizer, identificar um acontecimento correspondente à vida, quando acontece; tanto quanto é fácil dar-se conta de quando não acontece, porque já não há música nos nossos dias, tudo se torna achatado, formal. E a letícia desaparece. É tão claro que não conseguimos evitar percebê-lo.

“Sinto que cheguei a um entroncamento essencial da minha existência. Uma dessas passagens inadiáveis, decisivas.” São as palavras de um amigo, que eu tinha lido na Escola de Comunidade de junho passado e que me acompanharam durante todo o verão, porque identificam onde está a armadilha. Sua carta continuava (retomo apenas algumas passagens): “A minha fé é formal, o meu viver é essencialmente moralista (quantas coisas ‘não podem ser feitas’ ou, vice-versa, ‘não podem deixar de ser feitas’: até os gestos grandes – Coleta de Alimentos, Banco Farmacêutico, Tendas de Natal, caritativa, fundo comum, Exercícios, Escola de Comunidade, etc.). [Portanto, não é que não participe de gestos e iniciativas.] Mas o teste (sempre o mesmo, implacável, teste), o teste da letícia,

me detona: não há! Há, normalmente, um relacionar-se trabalhoso, pretensioso, egoísta. E não aguento mais. Queria ser alegre. E em vez disso caio logo na rotina”. Aqui, o nosso amigo entende o quanto se afastou da dependência que nos gera a todos: “Cristo está realmente isolado do meu coração. A salvação não pode não me interessar, mas sempre penso nela de acordo com um modelo meu. E depois de tantos anos dentro da história do Movimento, não consigo acreditar que estou tão ‘reduzido’. A letícia está sempre em outro lugar!”

Esta carta nos ajuda a dar-nos conta daquilo que nos diz Dom Giussani (como lembramos nos Exercícios da Fraternidade): “Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo [se não aumenta a consciência da dependência d’Ele], não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que deveríamos reter com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social” (L. Giussani, “Appendice”. In: Idem, *Alla ricerca del volto umano*. Milano: Jaca Book, 1984, p. 90). Se não vivermos tudo o que nos é dado como

um grito que nos remete para a memória de Cristo, nada do que fizermos será capaz de nos satisfazer e dar a letícia que ainda desejamos. O acontecimento de vida que nos chacoalhou decairá em “coisas a fazer”, que serão como que um tributo a pagar para pertencer à nossa companhia.

Não é por acaso que Dom Giussani nos punha em alerta contra o formalismo com que participamos dos gestos que nos são propostos, ilustrando-o com estas palavras: “Não está tudo bem porque fazemos Escola de Comunidade [...] [ou] porque participamos da Santa Missa [...], não está tudo bem porque fazemos panfletagens ou afixamos um manifesto com juízos. Esta pode ser a formalidade com que pagamos o pedágio à realidade social a que aderimos. Mas quando tudo isto se torna experiência? Quando nos diz algo e move (‘movimento’) algo em nós” (L. Giussani, *Uomini senza patria* (1982-1983). Milano: BUR, 2008, p. 194).

“Como sair disto?”, pergunta-se o nosso amigo. A experiência feita ofereceu-lhe algumas sugestões através dos sintomas que apareceram (o formalismo, a rotina, o seu “não aguento mais”), mas ele já tem o seu modelo para alcançar a salvação e não está disponível para mudá-lo: “Não me venham dizer que a inquietação que sinto é um ‘bem’, porque não entendo mesmo. Não me venham dizer que o meu (eventual) grito [...] ‘é útil’, e que Cristo também está ali, que me espera, e tudo quanto vivo não é para mais nada senão para mim! Só entendo tudo isto no nível formal, mas não existencial. Depois de tanto tempo, estou de novo na estaca zero”.

Mas como pode o nosso amigo entender algo no nível existencial, se se recusa a tomar o único caminho que o levaria a entender?

Qual é esse caminho?

## 2. O CAMINHO DA EXPERIÊNCIA E DA HISTÓRIA

Para entender algo no nível existencial, é necessária uma atenção à experiência que fazemos, aos “sintomas” que ela continuamente nos oferece. A forma com que o Mistério nos faz entender as coisas é sempre a história. Dom Giussani recordou-nos isso de forma incansável: “Para mim a história é tudo; aprendi com

a história” (apud. em A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2017, p. IV).

Mas pode haver em nós uma resistência obstinada à provocação da realidade. Como se não conseguíssemos entender o que indicam estes sintomas, como se não captássemos a sua razão. Mas eles são como que o grito que Deus, cheio de ternura por nós, faz brotar das nossas entranhas. Como se nos dissesse: “Será que você não se dá conta da necessidade que tem de Mim pelos sintomas que percebe em si mesmo? Não é porque outra pessoa lhe diga, ou porque eu lhe envie um anjo, que você se dá conta disso, mas por causa desses sintomas!” Até porque, se uma pessoa não está disponível para reconhecer o que surge na própria experiência, se não presta atenção e não responde aos sintomas, “mesmo se alguém ressuscitar dos mortos, não acreditarão”, como diz Jesus num dado contexto (cf. Lc 16,19-31).

Pelo contrário, quando uma pessoa está disponível para reconhecer um sintoma como algo positivo, ou seja, como um chamado do Mistério, vejam o que acontece. Uma amiga nossa, Mireille, contou que num dado momento da sua vida em família, sem se dar conta, se afastou da origem do seu amor, do início da relação com o homem com quem tinha casado. E foi exatamente isso que se tornou para ela um desafio: aconteceu algo, que o Mistério usou para provocá-la, para torná-la consciente daquilo de que se tinha afastado. Não houve uma crise matrimonial escandalosa, continuava fazendo todas as

coisas de antes, mas tinha perdido a origem. De fato, conta: “Estamos juntos, fazemos as coisas juntos, cuidamos das crianças, da casa, somos solicitados pelas nossas duas famílias, a nossa casa recebe todos os fins de semana alguns meninos de rua que acompanhamos, cada um de nós faz bem o seu trabalho, também nos ajudamos reciprocamente no trabalho, mas [eis o ponto] nos afastamos, nos distanciamos um do outro. O desejo manifestado por uma pessoa [que se tinha interessado por ela] me fez entender que [a questão] não é tanto o fato de que entre o meu marido e mim se tenha instalado um mal-estar, uma distância, mas que Cristo já não é o ponto de partida do nosso dia a dia. [Aqui está como se entendem as coisas existencialmente.] O que ardia em nós e nos tinha feito ir >>>

**Se não  
vivermos tudo  
como um grito  
que nos remete  
para a memória  
de Cristo, nada  
será capaz de  
nos satisfazer**

» contra a corrente em relação à realidade do casamento na nossa cultura era o fogo que vinha de Cristo. Esse fogo nos impeliu a uma vida de casal tão bonita, que nos sentíamos únicos no mundo, mas hoje nos restam as brasas que correm o risco de se tornar cinzas... O que sentimos agora é o peso do nosso dia a dia”. É fácil reconhecer quando é que o fogo que vem de Cristo já não queima: o peso do dia a dia torna isso evidente, a vida para de cantar.

Vê-se aqui se uma pessoa está realmente disponível a aprender com o que acontece, ou seja, a perceber um sintoma reconhecendo-o como uma oportunidade. Estando numa situação como a que a Mireille descreveu, alguém poderia ter dito, lamentando-se: “Mas como, eu ainda estou assim? Ainda estou nesta condição depois de tantos anos?” Ela não, ela ficou contente – escreve – por “descobrir como o Senhor, em sua genialidade, usou um encontro qualquer para nos restituir a nós mesmos”, ou seja, veio novamente tomar conta dela e do seu marido. O marido, diante das palavras da mulher, reconheceu a mesma coisa e lhe disse: “O nosso amor cresceu como uma árvore, sobre a qual os pássaros vêm pousar, e as pessoas encontram sombra [a casa deles está sempre aberta]... você tem razão! Se deixarmos de nos alimentar na fonte, secaremos. Nada mais do que vemos será possível!”

Quem não desejaria ter amigos assim? “Na sua humildade está a semente de um mundo novo”, disse o Papa recentemente, concluindo com um convite: “Frequenta pessoas que conservaram o coração como o de uma criança” (Francisco, *Audiência geral*, 20 de setembro de 2017).

A questão, portanto, é se nós estamos disponíveis à maneira com que Deus, através da realidade, “arromba as nossas portas”: pode ser o surgimento de um problema afetivo, como vimos, ou outra coisa qualquer. Não sabemos bem qual será a maneira com que o Mistério vai chamar-nos, como vai decidir arrombar a nossa porta, retomar-nos, impedindo que prossigamos fazendo as coisas sem que elas nos digam mais nada. É impressionante! Nós achamos que já sabemos como as coisas devem andar, fazemo-las, e não acontece nada, tudo se torna árido. Então o Senhor tem de tomar uma iniciativa audaciosa para nos

fazer sair do formalismo em que sufocamos.

“Para mim a história é tudo; eu aprendi com a história.” Agora entendemos melhor por que Dom Giussani nunca se cansava de nos dizer isto.

Então, qual é o objetivo de levar a sério os sintomas?

### 3. RECUPERAR O INÍCIO

Aquilo que nos acontece, os “sintomas” que identificamos em nós são para nos ajudar a recuperar o *início*, a origem, a pureza original de uma experiência, o que nos conquistou e atraiu. A Mireille mostrou-nos de forma luminosa como, por meio deles, se deu conta de que Cristo já não era o ponto de partida do seu dia a dia.

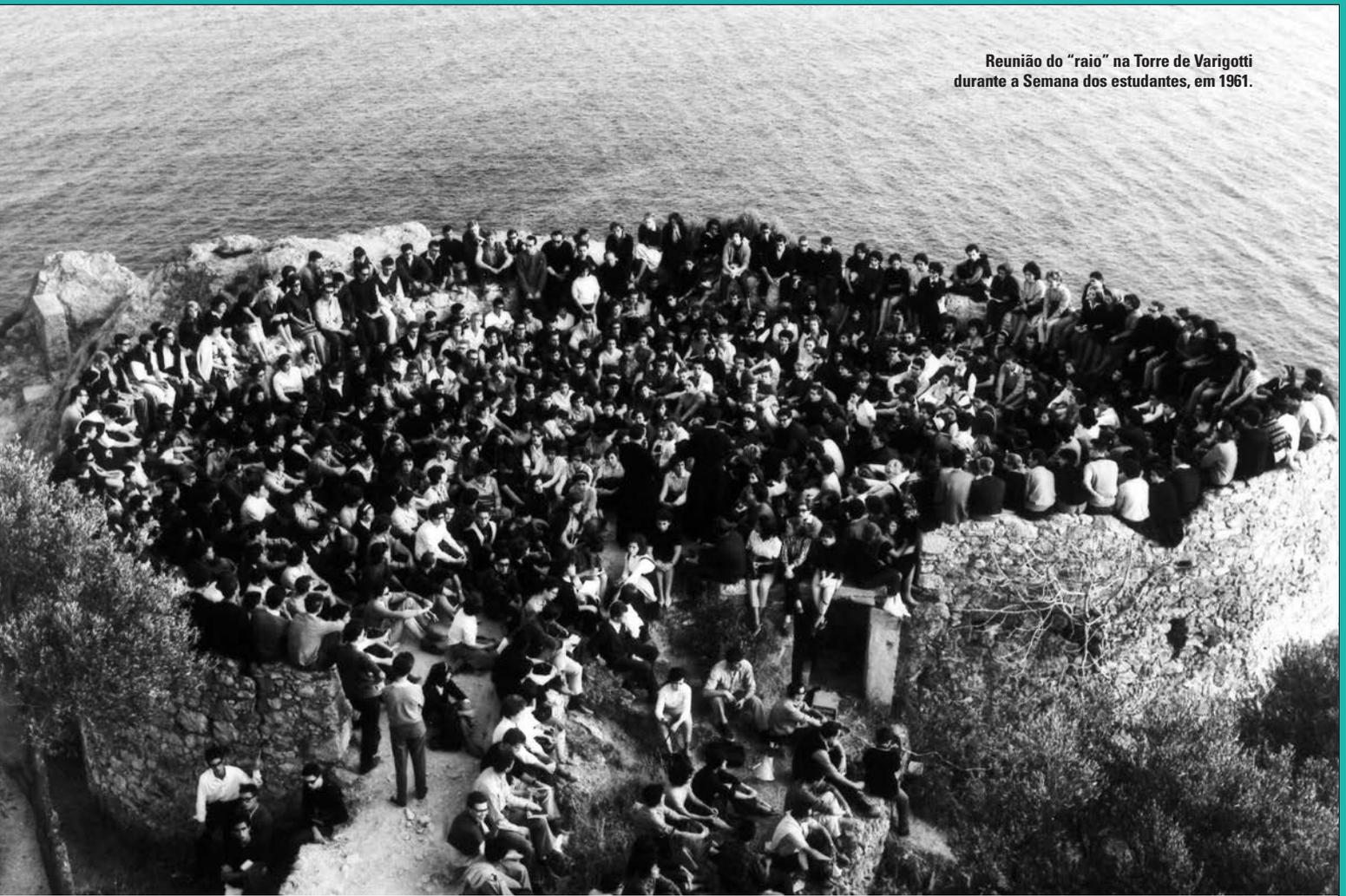
À luz do que aconteceu a ela, podemos compreender melhor o que Dom Giussani contou durante os Exercícios da Fraternidade de 1982 (que agora estamos todos lendo, graças à publicação do livro *Una strana compagna*). Parece que nos foi dito para responder à situação que estamos descrevendo, para nos ajudar a entender a experiência que vivemos agora e que nos toca até às fibras mais pessoais. As experiências particulares de cada um oferecem-nos sempre uma ajuda para a compreensão das coisas mais decisivas para todos.

Ouçamos, pois, a Dom Giussani: “Na outra noite, num encontro em Milão, eu observava que, nestes anos, de uns quinze para cá [diz isto em 1982], em todos estes anos do nosso caminho, é como se Comunhão e Libertação, o Movimento, tivesse construído sobre os valores que Cristo nos trouxe. Assim, todo o esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural, social, política teve certamente como objetivo mobilizar a nós mesmos e às coisas de acordo com os ideais, as sugestões de valor que Cristo nos deu a conhecer. Mas no início [...] não foi assim” (*Una strana compagna*. Milano: BUR, 2017, p. 88). Diz Dom Giussani, falando da situação do Movimento, mas poderiam dizê-lo Mireille e o amigo da carta: “No início não foi assim”.

E como é que foi no início?

“No início do Movimento, nos primeiros anos, não se construiu sobre os valores que Cristo nos tinha trazido [o primeiro interesse não era esse], mas

**Os “sintomas” que identificamos em nós são para nos ajudar a recuperar o início que nos conquistou e atraiu**



construiu-se [não é que não se construísse] sobre Cristo, ingenuamente, se quiserem, mas o tema do coração, o fator persuasivo era o fato de Cristo [...]. No início construía-se, tentava-se construir sobre algo que estava acontecendo [como quando duas pessoas começam a andar juntas: o que está acontecendo entre elas é o que as faz fazer tudo], não sobre os valores trazidos e, portanto, sobre a nossa inevitável interpretação deles: procurava-se construir sobre algo que estava acontecendo e nos tinha investido. Por mais ingênua e exageradamente desproporcionada que fosse, esta era uma posição pura. Por isso, por tê-la como que abandonado, tendo-nos atido a uma posição que foi, diria eu, acima de tudo uma ‘tradução cultural’ mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós não conhecemos – no sentido bíblico do termo – Cristo, nós não conhecemos o mistério de Deus, porque não nos é familiar” (*Ibidem*, p. 88-89).

Aqui se vê claramente onde é que Giussani identifica o deslocamento ocorrido: do entusiasmo por uma Presença a uma posição definida por uma “tradução cultural” ou por uma série de atividades, ainda que corretas – atenção! –, porque não é que a Mireille não estivesse fazendo coisas certíssimas, tal como o amigo da carta. Mas isto não basta. A nossa pobreza, a nossa

sede, é infinitamente maior do que aquilo que fazemos. Aquilo de que necessitamos não pode encontrar resposta adequada numa cultura ou numa ética. Este deslocamento pode acontecer no nível pessoal, na relação afetiva entre marido e mulher, entre amigos, pode acontecer na vida de cada um ou na vida do Movimento, e a consequência terrível disso, apontada por Dom Giussani, é que “nós não conhecemos Cristo”, e portanto a letícia não aparece nos nossos rostos. Fazemos todas as coisas, mas não é o entusiasmo pela presença de Cristo que nos move, como no início. “No início [...] não foi assim” (*Ibidem*).

Mas como é que foi no início? Giussani é categórico: “Cristo razão da existência, Cristo motivo da nossa criatividade [não há de forma alguma falta de criatividade, portanto], não pela mediação da interpretação, mas de uma vez: não existe outra posição que possa ser cristã senão esta”. Continua: “Todo o resto – a mobilização da existência e a criatividade – virá depois, mas Cristo como razão da existência e motivo da criatividade, isto tem de ser recuperado. É como um apaixonado desejo de recuperar a pureza original da vida do nosso movimento, desconhecida de muitos” (*Ibidem*, p. 89). Espero que todos possam perceber toda a paixão de Cristo pela nossa vida >>



Milão, 1963. Dom Giussani durante um encontro de GS na sede de via Statuto 2.

» neste grito de Giussani: esta pureza original deve ser recuperada. Amigos, isto deve ser recuperado por nós também hoje, se não quisermos acabar, como vimos antes, numa situação pela qual uma pessoa acaba sufocando, porque tudo aquilo que faz não a enche de letícia.

É impressionante como até nos nossos amigos mais jovens brota, das entranhas da vida, a mesma urgência de recuperar essa pureza original. Escreve-me um garoto dos Colegiais: “Tive as férias ‘ciellinas’ quase perfeitas, pode-se dizer. Entre férias da comunidade, viagens, jantares, Meeting, praticamente não parei. Mas depois, a volta para casa. Acho que foi uma das piores de todas as minhas férias. Não era saudade, não era uma falta, não era um vazio. Era uma voragem, uma ferida tão grande, um grito tão forte, que não consegui sufocá-lo. Todos aqueles vazios, acumulados durante o verão, estavam me assaltando e aí me dei conta de uma coisa: fazia muito tempo que eu não fazia uma oração, mas não uma *Ave-Maria* ou *Pai-nosso* [recitados de modo formal], não, uma oração verdadeira, um diálogo com o Senhor, um momento em que me punha [diante d’Ele] cara a cara, para entender quem sou. Talvez neste período eu até tenha feito ‘tudo’, mas perdi a mim mesmo. Porque esse tudo, sem Cristo, é um vazio. De fato, como Ele me dá tudo, também me pede tudo. Percebi que es-

tava vivendo o cristianismo ‘sem’ Cristo. A primeira coisa que tinha encontrado era a Sua presença [o início era dominado pelo fascínio com a Sua presença], mas com o passar do tempo encontrei tantas outras coisas, que me esqueci d’Ele. Como é que faço para viver o Movimento sem me esquecer d’Ele? Como é que faço para manter viva a Sua presença em mim?”

Eis o deslocamento: esquecer Cristo enquanto faço tudo; viver o Movimento esquecendo-me d’Ele. Mas vejam, ao mesmo tempo, a novidade: começamos a dar-nos conta de quando Ele nos falta.

Para começar então a responder à pergunta feita, convém-nos compreender o apelo de Dom Giussani, porque a vida não nos dará descontos. “É devido a esta mudança [do entusiasmo com uma Presença para uma ‘tradução cultural’ como motivo da vida; diz em 1982!] que se tornou tão fácil identificar a nossa experiência com um empenho ativista, organizativo ou cultural, às vezes tão exclusivo e autoritariamente definido e conduzido” (*Una strana compagnia*, op. cit., p. 89).

Para recuperar a posição pura da origem, e assim aquela dependência que faz tudo cantar, é preciso compreender o que Dom Giussani entende por “tradução cultural”, que no tempo tomou as rédeas sobre o entusiasmo com uma Presença. Diz em 1991, e é impressionante percebermos como ele sempre nos

acompanhou: “O mais traiçoeiro ataque à força do nosso movimento vem da parte de quem antepõe a tudo a palavra cultura. É o inverso: a cultura brota [do acontecimento,] da decisão para a existência. A cultura primária – como a chama João Paulo II – é o eu que pertence ao acontecimento. Perde-se tempo quando não se centra no objetivo, que é o acontecimento. Retomar o acontecimento, recentrar o objetivo, quer dizer responder também ao resto. É este o ponto: não uma antipatia pela cultura, mas um contra-ataque sobre a origem da cultura” (“Corresponsabilità”, *Litterae Comunionis CL*, n. 11/1991, p. 34).

#### 4. CRISTIANISMO COMO IDEOLOGIA E CRISTIANISMO COMO TRADIÇÃO

Em 1998, Dom Giussani volta à mesma questão em outros termos: “Tornou-se clara este ano a distinção que descobrimos entre ideologia e Tradição” (L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, *Litterae comunionis*, n. 4 mai./jun. 1998, p. 23). E prossegue juntando outra diferença a esta, aquela entre ideologia e Acontecimento. Diz: “O ponto de partida do cristão é um Acontecimento. O ponto de partida dos outros é uma determinada impressão das coisas” (*Ibidem*), que se torna preconceito e se desenvolve depois num discurso, ou seja, numa ideologia. Basta que alguém nos fira para ver como todo o nosso comportamento é determinado pela impressão que este fato deixa em nós, sobre a qual depois construímos um preconceito e uma visão das coisas.

O ponto de partida do cristão em toda e qualquer relação é, no entanto, um Acontecimento. O que quer dizer? Vemos no episódio que todos conhecemos do prisioneiro, cuja reação depois de passar por uma revista injusta não fora determinada pela impressão, ainda que má, que tivera a respeito da forma como fora revistado, mas por um Acontecimento que tinha entrado em sua vida e tinha despertado nele uma posição diferente diante da injustiça sofrida: “Como o guarda poderia comportar-se de forma diferente, se não teve a mesma experiência que eu tive, isto é, se o fato de Cristo não o investiu como investiu a mim?” Este exemplo explica coisas que às vezes nos são difíceis de entender. É simples: de cara é evidente que

o seu ponto de partida na relação com aquele guarda não foi a impressão tida, mas um Acontecimento que o tinha tomado e que o estava revestindo também naquele momento, mudando a sua reação. Sem este acontecimento, de fato tudo seria exclusivamente determinado pelo emaranhado das circunstâncias.

Mas, para que se torne o ponto de partida, é preciso que o acontecimento esteja ocorrendo agora, diz Giussani: “Se [...] a origem, o fundamento, o princípio fundador de toda a experiência humana é um Acontecimento”, é só porque está ocorrendo agora. “Este Acontecimento é entendido porque está ocorrendo agora” (*Ibidem*). Entendo-o, percebo seu choque, experimento seu poder de mudança, porque acontece, está acontecendo agora, não porque “já sei”. O acontecimento é precisamente aquilo que eu não sei já.

Por que me impressiona tanto o exemplo do prisioneiro? Porque torna evidente que esse acontecimento é percebido porque nos muda, não porque eu tenha a concepção correta dele. Todos sabemos bem o que é o acontecimento, e no entanto reagimos muitas vezes de uma forma totalmente diferente dele. Por quê? Porque não nos basta saber, assim como não basta uma impressão nossa das coisas. O teste se o Acontecimento está ocorrendo agora – o teste de que não se trata de uma teoria, de um saber abstrato, mas de um fato real, que acontece agora, a mim, e que eu reconheço, acolho, e que se torna o ponto de partida de cada movimento meu – é a forma como me relaciono com as pessoas e as coisas. O teste é a novidade

que surpreendo em mim, na forma de reagir. Por isso eu não posso falar deste nosso amigo prisioneiro sem pensar em Jesus; com sua forma de reagir torna Jesus contemporâneo a nós. Por causa da relação que vivia com o Pai, Jesus pôde dizer, referindo-se aos que o tinham posto na cruz e o insultavam: “Pai, perdoalhes! Eles não sabem o que fazem!” (Lc 23,34). Só podia olhar assim para os seus carrascos graças àquela dependência, àquela Sua familiaridade única com o Pai. A atitude que Cristo testemunha expressa toda a novidade cultural que Ele trouxe ao mundo. Para compreendê-la, é preciso reconhecer o que estava acontecendo no íntimo de Jesus.

Isto nos introduz à seguinte pergunta: “Como um acontecimento pode ser passado, ser dado a quem vem hoje?” Responde Dom Giussani: “Se é um **>>**

**O teste se o Acontecimento está ocorrendo agora é a forma como me relaciono com as pessoas e as coisas**



» Acontecimento que se repete, repete-se todos os dias”. Um Acontecimento comunica-se acontecendo. O cristianismo é um Acontecimento e passa de pessoa para pessoa como acontecimento. Não se comunica como um conjunto de ensinamentos ou de preceitos, não é redutível a uma concepção ou a uma cultura. Aqui se joga tudo. Senão o cristianismo é reduzido a ideologia. Uma redução que pode dominar até “a maneira de conceber grande parte da catequese cristã”, até a forma de fazer Escola de Comunidade, até “a maneira de conceber o cristianismo e a Igreja” (L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, op. cit., p. 23-24). Como se reconhece um cristianismo reduzido? Pelo fato de que não nos muda.-

Foi esta a contribuição que Dom Giussani deu à vida da Igreja, como disse o Cardeal Ratzinger no seu funeral: “Só Cristo dá sentido a tudo na nossa vida; Dom Giussani manteve sempre fixo o olhar da sua vida e do seu coração em Cristo. E compreendeu assim que o cristianismo não é um sistema intelectual, um conjunto de dogmas, um moralismo, mas [...] um acontecimento” (J. Ratzinger, *Homília no funeral de Dom Giussani*, Milão, 24 de fevereiro de 2005, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 1218). Mas, antes dele, tinha-o escrito João Paulo II em 2002, na carta pelo vigésimo aniversário da Fraternidade: “O cristianismo, antes de ser um conjunto de

doutrinas ou uma regra [...], é [...] o ‘acontecimento’ de um encontro. É esta intuição e experiência que V. Rev.<sup>a</sup> tem transmitido durante estes anos a muitas pessoas” (João Paulo II, *Carta a Dom Giussani*, 11 de fevereiro de 2002, em *Ibidem*, p. 1123).

Esta intuição e esta experiência devem ser recuperadas, se não quisermos terminar sufocados por ter reduzido o que temos entre as mãos. Nesse caso, já não haverá o Movimento de acordo com sua natureza original, ainda que continuemos a fazer e a dizer muitas coisas.

Dom Giussani convida-nos a dar um passo na direção dessa recuperação: “Esta ‘passagem’ de um Acontecimento como o tudo da vida, como explicação total da vida e da história, chama-se Tradição”. Fiquemos atentos a como ele a descreve, para nos impedir de reduzi-la a algo já sabido: “A Tradição é uma memória que continua [e corrige-se logo], ou melhor, é um acontecimento que continua como memória, na memória. Não é tanto um acontecimento que continua para ser descrito por uma memória: é a memória que é inundada violentamente [impressionante!] por algo maior, mais poderoso [para que não se cristalice em doutrina], pelo qual se torna o sinal de uma continuidade histórica”. Vemos isto nos discípulos de Emaús: só quando a memória dos fatos da vida de Jesus, que eles conheciam bem e que contam

ao novo companheiro desconhecido, foi “inundada” pelo acontecimento de Cristo ressuscitado, é que os dois discípulos mudaram e entenderam. Dom Giussani continua: “Ou a memória é entendida de maneira reduzida, num sentido naturalista [...] – [como] uma lembrança do passado, uma lembrança devota, simpática, concorde, boa, bonita, que torna o coração mais humano quando se pensa nela –, ou então a memória pode ser tudo!”, é tudo. Quer dizer: a memória é esse Acontecimento que reacetece constantemente, que não é produzida por nós, que não depende de uma iniciativa nossa ou de um poder nosso. “A primeira posição [que identifica a memória com uma lembrança] consiste em reduzir a um princípio a maneira como o homem concebe o mundo, sente e trata a vida (pré-conceito)” (“Acontecimento e responsabilidade”, op. cit., p. 24).

Mas – atenção ao que se segue – “se o cristianismo se torna isto, se é passado como concepção, como doutrina, como maneira de conceber e de tratar, até mesmo o cristianismo se converte numa ideologia. É o problema que apontávamos na situação da Igreja nos tempos modernos: a maneira de conceber a moralidade não nascia de Cristo, do acontecimento de Cristo, mas era como que eficazmente produzida por uma interpretação da vida, que o coração sentia com simpatia, criticamente documentada (ao menos como tentativa), de forma tal que a ontologia foi esquecida, praticamente foi [é muito significativa a palavra que usa] ‘desvitalizada’, como quando tiram o nervo aos dentes” (*Ibidem*, p. 24-25).

O que é que foi “desvitalizado”? A ontologia nova, ou seja, o fato de ser o cristianismo um acontecimento (“A ontologia – o anúncio de que Deus se fez homem e de que este acontecimento, no sentido histórico do termo, continua na história porque aquele homem ressuscitou: ‘Estarei convosco todos os dias até o fim do mundo’”; *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Genova: Marietti 1820, 1999, p. 71). Não é que esta ontologia – como vimos nos testemunhos que citei no início – seja “negada”, mas é esquecida, dada por pressuposta, ou seja, já não é o ponto de partida da relação com toda a realidade, como dizia a Mireille. E então a relação esvazia-se, porque não é capaz de sustentar-se por si só. Ser desvitalizada a ontologia significa que a forma de conceber e de tratar as coisas já não tem como fonte o

Acontecimento. “Entendem o que eu pretendia dizer – continua Dom Giussani – quando falei dos dez anos depois de 1968, nos quais dominou entre nós a ideia da cultura não como derivada de Cristo, mas como sermos reconhecidos pelo mundo por uma cultura que tínhamos?” (L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, op. cit., p. 27).

Se nós não entendermos isto, se não recuperarmos a origem, nenhum esforço conseguirá restituir-nos a plenitude que só a Sua presença pode dar-nos, nem tornar-nos protagonistas de uma cultura nova, porque só o Seu acontecimento presente pode gerar uma concepção verdadeira das coisas. Tal concepção deve renascer continuamente da fonte que a gerou e demonstrar-se por meio do reaceteimento de um testemunho vivo, deve tornar-se visível na experiência concreta de alguém. Só deste modo é que poderá transmitir-se, passando de uma pessoa a outra. Falar-me do casamento de dois amigos nossos. Os colegas da esposa, espantados, perguntam-lhe: “Como assim, você vai se casar tão nova? E para toda a vida?” Depois participaram do casamento e ficaram surpresos, tanto que, assim que ela voltou da lua de mel, lhe falaram de novo da beleza do dia do casamento. Uma concepção nova é constantemente gerada por um acontecimento presente e “passa” acontecendo.

A tradição, dizia Von Balthasar durante os Exercícios pregados com Dom Giussani na Suíça, no início de 1971, “a *traditio*”, ou seja, aquilo que Deus transmitiu aos homens, é “o dar-se do Filho através do Pai para a salvação do mundo” (H. U. von Balthasar; L. Giussani, *L'impegno del cristiano nel mondo*. Milano: Jaca Book, 2017, p. 89). Isto é a *Traditio*: o dar-se de Cristo ao mundo através do Pai, conforme o desígnio do Pai. E esse dar-se – a Tradição – não pode reduzir-se a uma concepção, a uma doutrina. “A presença do Acontecimento original, a concretização hoje do Acontecimento original, que se tornou presente todos os dias do tempo até agora, chama-se Tradição: ela, portanto, constitui a repetição diária do Acontecimento primitivo, do Acontecimento original” (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 66).

O cristianismo reduzido a ideologia “abre mão” do Acontecimento: no centro já não está o Acontecimento, mas um sistema de pensamentos – mesmo que >>

**A memória é esse Acontecimento que não depende de uma iniciativa nossa ou de um poder nosso**

» derivados daquele Acontecimento – desgarrados da fonte. Sobram as consequências culturais e éticas, propostas por si mesmas, numa espécie de autossuficiência, as quais por isso, inevitavelmente, começam a desnaturar-se. Temos de compreender bem isto.

### 5. A “NOSSA” TENTAÇÃO ILUMINISTA

Agora podemos entender com que é que Dom Giussani está às voltas quando diz estas coisas: com aquela mentalidade que reduz tudo a doutrina. É a tentação do Iluminismo – como nos disse o Papa Bento XVI –, que julgava estar salvando as grandes verdades do cristianismo, os valores cristãos, tudo o que trouxe o cristianismo, desligando-o do Acontecimento que o tornou e torna constantemente vivo. Vemos isto em Kant quando afirma: “Pode-se, de fato, crer tranquilamente que, se o Evangelho não houvesse ensinado primeiro as leis éticas universais [os valores] em sua íntegra pureza, a razão não as teria conhecido em sua totalidade, se bem que agora, *dado que já existem*, cada um pode ser convencido de sua justeza e validade apenas através da razão” (I. Kant, *Carta a F. H. Jacobi*, 30 de agosto de 1789, em Idem, *Questioni di confine*. Genova: Marietti 1820, 1990, p. 105). Na época do Iluminismo pensava-se, como ilustra Kant, que tudo isso poderia durar porque a razão era agora capaz de reconhecê-lo, mas no tempo aquela tentativa revelou-se um fracasso. Agora podemos entendê-lo, porque acontece também em nós e entre nós: se nos separamos do acontecimento de Cristo, do acontecimento vivo do carisma, ficamos ofuscados e não serve de nada aquilo que fazemos.

Nós haveremos de encontrar a mesma sorte do Iluminismo, a despeito de nós mesmos, se não entendermos como se transmite o cristianismo, como permanece o carisma. Com todos os textos de Dom Giussani ao nosso alcance, poderemos falhar. É isto o que está em jogo. As discussões entre nós e toda a avalanche de palavras que às vezes despejamos não resolvem o problema. Assim como vimos desmoronar tudo à nossa volta, do mesmo modo poderemos ver-nos a nós mesmos desmoronar.

Como podemos evitar o risco de sucumbir à tentação (“iluminista”) de achar que bastam os textos

do Evangelho ou os textos de Giussani? Como evitar que tudo se cristalice em doutrina desvitalizada? Ouçamos diretamente a Giussani, porque nos comunicou tudo aquilo de que precisamos para caminhar: “O acontecimento não identifica somente uma coisa que aconteceu e com a qual tudo teve início, mas é aquilo que desperta o presente, define o presente, dá conteúdo ao presente, torna possível o presente. O que se sabe ou o que se tem converte-se em experiência se aquilo que se sabe ou se tem é algo que nos é dado agora: há uma mão que no-lo oferece agora, há um rosto que vem avançando agora, há sangue que se derrama agora, há uma ressurreição que tem lugar agora. Fora deste ‘agora’ não existe nada! O nosso eu não pode ser movido, comovido, ou seja, transformado, a não ser por uma contemporaneidade: um acontecimento. Cristo é algo que me acontece agora” (cf. Arquivo Histórico da Associação Eclesial Memores Domini, documento mimeografado intitulado “Dedicazione 1992, Rímìni, 2-4 de outubro de 1992”).

Por isso, ainda em 1998, dizia: “É uma questão de conversão”. Mas conversão a quê, a quem? Para evitar equívocos, esclarece logo o sentido do seu convite: “Se não há conversão de você [de cada um de nós], não a mim [Giussani o dizia referindo-se a si], mas a Jesus, que o agarra através da minha mão; se a consciência do que dizemos e vivemos não gera conversão em você, não há responsabilidade”, não há resposta. “Para comunicar uma vida no carisma que nos foi dado, é preciso viver a conversão: não a mim [repete-o], mas ao que me foi dito [e dado]” (L. Giussani, “Acontecimento e responsabilidade”, op. cit., p. 27-28).

Aqui aparece toda a caridade de Giussani para conosco, porque para nos fazer entender as coisas que nos diz não insiste numa explicação, mas propõe-nos um caminho: “Eu gostaria de fazê-los percorrer o caminho pelo qual todas as coisas que digo surgiram, nascerem em mim” (*Ibidem*, p. 28). Portanto, para evitar reduzir o que ele diz ao que nós temos na cabeça, à nossa interpretação, temos de aprender a identificar-nos com o como as coisas nasceram em Dom Giussani, a fim de poderem nascer também em nós hoje – como pede aquele rapaz dos Colegiais –. Só quando as coisas que nos dizia acontecem de novo, é que podemos entendê-las sem fazer reduções. Por-

**Assim  
como vimos  
desmoronar  
tudo à nossa  
volta, do mesmo  
modo poderemos  
ver-nos a  
nós mesmos  
desmoronar**



tanto, como podem acontecer hoje? De onde nascem? Como podemos hoje percorrer novamente o caminho no qual essas coisas surgiram nele? Onde acontecem hoje as coisas que nos dizia?

## 6. A CONTEMPORANEIDADE DE CRISTO, ORIGEM PERMANENTE DAS DIMENSÕES DA EXPERIÊNCIA CRISTÃ

Um “conhecimento novo implica [ao contrário do que pensava Kant] [...] estar em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta”. Dito com as palavras do Davide: implica a dependência total. Porque tudo nos é dado. O caminho para viver o que dizemos não é o “já sei e agora vou me virar com a minha inteligência ou com o meu esforço”. Não poderemos recriminar Giussani por não ter-nos avisado: o conhecimento novo só se afirma em nós se estivermos em “contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta”. E, “pois que esta origem não é uma ideia, mas um lugar, uma realidade viva, o juízo novo só é possível numa relação contínua com essa realidade [viva], melhor dizendo, com a companhia humana que prolonga no tempo o Acontecimento inicial” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p. 75).

Dom Giussani nunca deixou de nos indicar o caminho: “As coisas que nós compreendemos, com efeito, não as compreendemos porque nos sentamos ao redor de uma mesa e fazemos um programa de estudos para compreendê-las, não as compreendemos como corolário de um projeto de meditação [‘agora já tenho os textos, vou pensar nisto’]; compreendemo-las se aderimos como crianças à história de Deus na nossa vida, à história pela qual Ele quer arrombar totalmente todas as nossas portas, porque d’Ele somos feitos” (L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 140). O caminho é simples, como me escreve esta amiga: “Eu me dou conta de que, quanto mais levo a sério a hipótese de trabalho que o Movimento me propõe, mais vejo as coisas ao meu redor de uma forma diferente, mais profunda, mais verdadeira”.

Ou o Deus dos nossos pensamentos ou o Deus da história: é diante desta alternativa que está cada um de nós. Não é um problema de maior ou menor habilidade, porque neste nível da questão a habilidade ou a nossa capacidade de desempenho não adiantam. É um problema de como se põe o problema, de método. Lembramos isto em muitas ocasiões este ano, fazendo referência ao Inominado. E nestes últimos tempos temos recordado isto com aquela fórmula preciosa de Dom Giussani a propósito da “história particular” que nunca me cansarei de repetir: é uma “história >>

» particular [...] o ponto chave da concepção cristã do homem e da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 82).

Este é o grande desafio perante o qual cada um de nós está. Como me escreveu um amigo que tinha saído do Movimento e ficou afastado por trinta anos. Se ainda não o fizeram, podem ler a sua carta na *Passos* de outubro. Depois de ter contado as experiências da sua vida, diz: “Muita coisa desaba junto. Levantar-se de manhã se torna difícil, e nem mesmo as pastilhas ‘milagrosas’ dos antidepressivos parecem fazer efeito. Você está sob o peso das coisas que passam. Começa a pensar que o belo da vida pode ter ficado para trás e que [agora] pouca coisa permanece de pé. Agora não basta mais o meu esforço, a minha performance. [...] Nessa altura, a vida fica simples: ou Cristo fica com a letra minúscula, isto é, passa a ser o meu deus, que submeto à minha vontade e à minha inteligência e, então, estamos apenas brincando; ou Deus é o Deus da história [...]. Nós não voltamos [está falando de si e da sua mulher] [...] porque somos bacanas. Voltamos porque Alguém nos trouxe de novo para casa” (“Voltar para casa, após trinta anos”, *Passos*, n. 196, out. 2017, p. 5). Voltaram porque recontou o início, através do encontro com um de nós, no lugar, na realidade viva do nosso povo. Vemos isso a toda hora.

Por isso volto sempre à figura do Inominado, porque a consciência nova de si, de Lúcia, da vida e de toda a realidade que o invadiu nasceu nele a partir do acontecimento da relação com o Cardeal Frederico. Se não lhe tivesse acontecido esse fato, que o tornou pobre, todo o resto não teria bastado. Não é que não tivesse o juízo claro de que estava cometendo o mal e que não sentisse remorso. Sabia-o, ainda que não até o fundo, mas não bastava para poder sair daquela sua situação.

Resumidamente, o Inominado nos lembra qual é a posição de pureza que nos é devolvida no encontro com Cristo e nos lembra também que o método da origem, do início, é o mesmo da continuação: não é que o cristianismo se dê, por assim dizer, de uma vez por todas, depois que eu “sei” e, portanto, o desenvolvimento está nas minhas mãos, mas é algo que me é

dado sempre de novo, é um olhar que me é doado de novo agora.

Eis, então, como Dom Giussani descreve o passo a dar: “A maneira com que nasce o critério para julgar [...] [é] apontada pela palavra *olhar*. Trata-se de ficar diante do acontecimento encontrado sem trunchar num determinado momento a lealdade do olhar [porque quando paramos de olhá-Lo afundamo-nos, como aconteceu a Pedro] [...]. É uma lealdade do olhar ao acontecimento o que permite fazer nascer em nós o critério novo de juízo e não ser dominado pelos critérios do ‘mundo’” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 76). Senão vamos achar que estamos fazendo uma cultura nova, mas na realidade estaremos apenas repetindo o que o mundo diz.

Como se vê se o acontecimento está presente na nossa vida? Se nos torna mais pobres. Se hoje sairmos daqui mais pobres, mais desejosos – como o Inominado – de ficar ali, obstinadamente, à porta do Mistério, do Mistério feito carne, contemporâneo, que está acontecendo agora através dos rostos da nossa companhia e que para ele passava através do rosto do Cardeal Frederico.

Esta é a maturidade que nos permite não perder a origem: a consciência cada vez mais clara de que o que nos salva é um Outro, ou seja, a consciência da nossa dependência, o despertar em nós daquela pureza, daquela pobreza última que o acontecimento de Cristo gera em nós e a que nos chama o Papa na carta que nos escreveu na conclusão do Jubileu da Misericórdia (retomada nos Exercícios da Fraternidade). Aquela pobreza de espírito, que nos torna disponíveis para Ele, é o sinal do Seu “acontecer”, o sinal de que o Acontecimento está acontecendo agora a mim. Como demonstra esta pessoa que me escreveu: “Desde ontem que tenho nas mãos o ingresso para participar do Dia de Início Ano... Que provocação logo no título: ‘No início não foi assim!’, e logo me interroguéi sobre o lugar que Cristo tem nos meus dias, não a partir de amanhã, mas já agora, quando um outro dia me é oferecido como ocasião de reconhecimento e de testemunho”.

“Meus amigos – nunca usei a palavra ‘amigos’ tão conscientemente como agora [e eu também lhes repito de uma forma igualmente consciente: ‘Meus amigos’] –,

**Aquela pobreza de espírito, que nos torna disponíveis para Ele, é o sinal do Seu “acontecer”**



Reunião do “raio” na Torre de Varigotti durante a Semana dos estudantes, em 1961.

temos de andar por esta estrada, todos vocês que estão aqui, estão aqui porque foram chamados para esta estrada. Vão amar mais a sua mulher, vão amar mais os amigos, vão amar mais os filhos, vão saber que quer dizer ter piedade, vão saber que quer dizer perdoar, vão saber que quer dizer sacrificar-se para construir, para que os outros fiquem melhores, vão saber ser humanos, serão mais humanos. ‘Quem me segue terá a vida eterna’, que é Ele, a relação com Ele” (L. Giussani, *In cammino. 1992-1998*. Milano: BUR, 2014, p. 226-227). Dom Giussani não se afasta nem uma vírgula! A vida eterna é Cristo, a salvação é Ele. E só permanecendo ligados a Ele nesta estrada é que podemos ver florescer as relações, construir, estar abertos aos necessitados, ser cada vez mais humanos.

É na relação com Ele que podemos experimentar o cêntuplo: “Cem vezes a humanidade que vocês têm florescerá, florescerá cem vezes mais do que nos outros, e não haverá nada que a descomponha, que a conturbe a ponto de lhe meter medo, vocês não terão medo de nada” (*Ibidem*, p. 227), ao passo que tudo se desfaz assim que nos desligamos d’Ele.

O acontecimento de Cristo permanece na história, torna-se visível hoje, seguindo a modalidade que Ele escolheu: “A nossa companhia é o lugar onde esta presença ‘está’, é reconhecida e mais facilmente amada,

onde esta presença perdoa tudo, e por força desse perdão nenhum de nós consegue ficar de braços cruzados e queremos fazer algo de bom, o bem, o bem para nós e para os outros” (*Ibidem*, p. 228). As dimensões da experiência cristã (cultura, caridade e missão) jorram assim da origem que é a fé. Não estão separadas (como queria Kant), mas unidas desde a origem, expressão da origem. Por isso estou curioso de ver que criatividade vai surgir desta recuperação do início, se nós aceitarmos docilmente o convite de Dom Giussani, e como vamos responder à necessidade que encontraremos nos nossos ambientes, para o bem de todos. Quem sabe que novidade de vida nos surpreenderemos vendo, como aconteceu este verão em muitas das férias (já dizia Davide), ou como está acontecendo entre os universitários, como podem ler na *Passos!*

E qual é a forma deste nosso “ser para”? O testemunho. “A tarefa da [nossa] vida é testemunhar esta presença, reconhecê-la e testemunhá-la” (*Ibidem*) – não temos tesouro maior entre as nossas mãos do que esta Presença –, não formalmente, não como uma coisa já sabida, desvitalizada, mas como a resposta mais pertinente às exigências da vida. É para tornar experimentável esta resposta que nasceu o Movimento, e o sinal mais notável de tal experiência é a letícia.

Concluo com o convite que Dom Giussani nos >>>

» dirige: “O acontecimento de Cristo tem que ver com o agora, tanto que o muda eficazmente, mais eficazmente do que todos os recursos sociais que se possam imaginar, porque a palavra ‘alegria’, ou ‘letícia’ [que tantas vezes falta em nós], não pode ser o objetivo garantido de nenhum recurso social, ainda que concebido de forma nova [não é o resultado de algo que nós fazemos]. O dever supremo de quem tem fé, do protagonista da história neste povo novo, é precisamente o de demonstrar, testemunhar a verdade do acontecimento de Cristo por meio de uma letícia que permanece até nas piores circunstâncias da vida, sendo a letícia o ponto de comparação excepcional, vertiginoso, de uma mudança acontecida, a ponto de revelar uma ontologia nova” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 179).

Não há desafio maior do que este, não existe aventura mais fascinante do que esta, especialmente neste momento histórico. Nada, então, é mais precioso e desejável do que o fato de acontecer em nós um olhar de homem livre, usando as palavras de Péguy. Hoje não há nenhuma ideia ou hábito que possa sustentar o caminho. Tudo se apoia na liberdade. Peçamos ao Senhor este olhar de homem livre, que quer ser de Cristo pela única razão por que se pode decidir pertencer-Lhe hoje: porque é o Único que responde à espera do nosso coração.

Por isso, desejemos ser fiéis a esta consciência do Mistério presente que Dom Giussani nos testemunhou até o último dos seus dias e a que hoje vemos constantemente o Papa Francisco apelar com seu convite a voltar para o essencial. Não serão as nossas energias ou as nossas capacidades que vão fazer surgir algo de verdadeiramente novo, verdadeiro, completo, mas só o Senhor poderá ser o seu artífice, se ainda quiser usar o nosso pequeno e diário “sim” para continuar gerando este povo como sinal de esperança para todos.

\*\*\*

Aproveito esta ocasião do Dia de Início de Ano para destacar a importância de nas nossas comunidades

cuidarmos de alguns gestos e instrumentos fundamentais para a educação e a vida do Movimento. Hoje ressalto dois, dentre todos.

A **oração**: é preciso reconhecer (como dizia também o colegial citado) o que nos faz recomeçar, aquilo que o Senhor pode fazer se nós dermos tempo a esta relação única que nos regenera constantemente a partir dos fatos que acontecem na vida. Porque a oração cristã não é mais do que memória; a começar pela Eucaristia, o gesto mais poderoso de memória no sentido mais verdadeiro do termo, como um acontecimento que está acontecendo no momento em que se celebra. Mas, para que isto abra caminho em nós, é preciso que o silêncio se torne cada vez mais habitual, para nos dar o tempo de voltar a determinadas coisas,

senão a mentalidade comum se difunde. Sem silêncio não há possibilidade de que Ele penetre na vida. Nossa Senhora guardava tudo em seu coração, e muitas vezes o nosso coração está cheio de tudo, menos d’Ele, como vemos. Por isso não cresce o entusiasmo pela Sua presença. Se não temos tempo para esta relação, para esta memória, todo o resto vai arcar com as consequências. Sufocaremos. Poderemos fazer de tudo, sem que a letícia apareça nos nossos rostos. Porque falta Ele. Não é o que fazemos o que nos torna alegres, mas sim esta relação única com

Cristo que se estende, depois, ao dia inteiro. Não é uma alternativa ao fazer: o ponto é que aquela relação penetre em tudo o que fazemos; caso contrário, tudo o que fazemos não tornará a vida plena e cheia de letícia.

O **canto**: que cresça a paixão pelo canto; o desejo de cantar juntos cada vez melhor é uma direção que não devemos perder. Todos nos damos conta da ajuda que é cantar bem e juntos. Dom Giussani fascinou-nos com uma forma tal de cantar juntos, que, quando cada um avança por conta própria só para se afirmar, fica absolutamente insuportável. Se perdermos esta intenção, perdemos algo de essencial. Por isso devemos dedicar tempo para cuidar do canto e dos ensaios dos cantos nas nossas comunidades, para poder transmitir uma determinada forma de cantar. **P**

**Sem silêncio não há possibilidade de que Ele penetre na vida e não cresce o entusiasmo pela Sua presença**